



SÉRIE
COMENTÁRIO EXPOSITIVO

MARCOS



Grant R. Osborne

Uma abordagem concisa, porém madura e inteligente desse importante Evangelho. Prepare-se para aprender mais, não somente sobre Jesus, mas também sobre a história da nossa fé.

DARRELL L. BOCK, diretor-executivo de engajamento cultural e professor de Estudos do Novo Testamento no Dallas Theological Seminary

Esse comentário mostra Grant Osborne na melhor forma, aliando compreensão madura da Bíblia com aplicações práticas e boas ilustrações.

STANLEY E. PORTER, diretor, deão e professor de Novo Testamento na McMaster Divinity College

Esse comentário de Marcos, escrito com o conhecimento acumulado de uma vida inteira de pesquisa, ensino e pregação da Palavra de Deus, é acessível a pastores e líderes de estudos bíblicos.

ECKHARD J. SCHNABEL, professor de Novo Testamento no Gordon-Conwell Theological Seminary e editor adjunto do *Bulletin of Biblical Research*

Sumário

Seja bem-vindo à <i>Série Comentário</i> <i>Expositivo</i>	vii	Considerações adicionais	72
Introdução à <i>Série Comentário</i> <i>Expositivo</i>	ix	<i>Satanás / Parábolas</i>	
Reduções gráficas (abreviações e siglas) xi		Marcos 4.21-34	74
Introdução a Marcos.....	1	<i>Mais parábolas do reino</i>	
Marcos 1.1-8	12	Marcos 4.35—5.20.....	80
<i>A identidade de Jesus como Messias e Filho de Deus é estabelecida</i>		<i>A autoridade de Jesus sobre a natureza e os poderes cósmicos</i>	
Marcos 1.9-15	18	Marcos 5.21-43	86
<i>As ações do Deus triúno comprovam o ofício divino de Jesus</i>		<i>A autoridade de Jesus sobre a enfermidade e a morte</i>	
Marcos 1.16-28	24	Marcos 6.1-6	92
<i>Jesus forma o grupo de discípulos e derrota os espíritos imundos</i>		<i>A rejeição de Jesus em sua própria cidade</i>	
Marcos 1.29-45	30	Marcos 6.7-30	98
<i>O ministério e a popularidade de Jesus continuam crescendo</i>		<i>Missão e rejeição na Galileia</i>	
Marcos 2.1-12	36	Marcos 6.31-44	104
<i>A autoridade de Jesus para perdoar e curar pecadores</i>		<i>A provisão miraculosa de Deus: o cuidado para com os necessitados</i>	
Marcos 2.13-17	42	Marcos 6.45-56	110
<i>Jesus chama e aceita os excluídos</i>		<i>Reprovação e fracasso espiritual — dureza de coração</i>	
Marcos 2.18—3.6.....	48	Marcos 7.1-23	116
<i>Jesus: Senhor e “pior transgressor” da Lei</i>		<i>Hipocrisia espiritual: viver por regras, e não conforme o coração</i>	
Marcos 3.7-19	54	Marcos 7.24-37	122
<i>O cuidado para com os necessitados e o comissionamento dos apóstolos</i>		<i>Os gentios demonstram o verdadeiro discipulado</i>	
Marcos 3.20-35	60	Marcos 8.1-13	128
<i>Jesus se volta para sua nova família</i>		<i>A provisão de Deus inclui os gentios</i>	
Marcos 4.1-20	66	Marcos 8.14-26	134
<i>Parábolas do reino</i>		<i>Cegueira espiritual e como superá-la</i>	
		Marcos 8.27-33	140
		<i>O reconhecimento da verdadeira natureza de Jesus, o Cristo</i>	

Marcos 8.34—9.1	146	Marcos 13.14-27	238
<i>O caminho do discipulado</i>		<i>Sacrilégio, tribulação e parúsia:</i>	
Marcos 9.2-13	152	<i>o futuro é renunciado</i>	
<i>A majestade e a glória de Jesus são reveladas</i>		Marcos 13.28-37	244
Marcos 9.14-29	158	<i>A necessidade de vigilância à luz</i>	
<i>O exorcismo de uma criança apresenta</i>		<i>da parúsia</i>	
<i>um modelo de fé humilde</i>		Marcos 14.1-11	250
Marcos 9.30-50	164	<i>A unção messiânica de Jesus</i>	
<i>O modelo de discipulado de Jesus:</i>		Marcos 14.12-21	256
<i>serviço, e não egoísmo</i>		<i>Jesus reinterpreta a refeição pascal</i>	
Marcos 10.1-16	170	Marcos 14.22-31	262
<i>Família na nova comunidade do reino</i>		<i>A Páscoa como Eucaristia: o corpo</i>	
Marcos 10.17-31	176	<i>e o sangue de Jesus dados por nós</i>	
<i>Bens e escolhas na nova comunidade</i>		Marcos 14.32-42	268
<i>do reino</i>		<i>Jesus é provado no Getsêmani</i>	
Marcos 10.32-52	182	Marcos 14.43-52	274
<i>Um chamado ao serviço e ao sofrimento</i>		<i>Jesus é preso</i>	
Marcos 11.1-11	188	Marcos 14.53-65	280
<i>A entrada de Jesus como o Messias que</i>		<i>Jesus é julgado perante o Sinédrio</i>	
<i>triumfa por meio do sofrimento</i>		Marcos 14.66-72	286
Marcos 11.12-18	194	<i>Pedro nega Jesus</i>	
<i>Atos proféticos: o templo é condenado</i>		Marcos 15.1-20a.....	292
<i>e a figueira, amaldiçoada</i>		<i>O julgamento romano</i>	
Marcos 11.19-26	200	Marcos 15.20b-27	298
<i>Orar com fé</i>		<i>Jesus é crucificado</i>	
Marcos 11.27—12.12.....	206	Marcos 15.29-37	304
<i>Jesus afirma ter autoridade concedida</i>		<i>Na cruz, Jesus é insultado e morre</i>	
<i>por Deus para condenar os líderes</i>		Marcos 15.38-47	310
Marcos 12.13-27	212	<i>O testemunho sobrenatural acerca</i>	
<i>Governo e casamento</i>		<i>do sentido da morte de Jesus</i>	
Marcos 12.28-34	218	Marcos 16.1-8	316
<i>O shemá cristão: amar a Deus e</i>		<i>A ressurreição de Jesus e a promessa</i>	
<i>amar o próximo</i>		<i>de vitória</i>	
Marcos 12.35-44	224	Considerações adicionais	322
<i>Jesus se define como Senhor, em contraste</i>		<i>As narrativas da ressurreição /</i>	
<i>com os líderes de Israel</i>		<i>A historicidade da ressurreição de Jesus /</i>	
Marcos 13.1-13	230	<i>A exaltação de Jesus</i>	
<i>Jesus proclama juízo sobre o templo</i>		Considerações adicionais	324
<i>e sobre a nação</i>		<i>O final de Marcos</i>	
Considerações adicionais	236	Notas	326
<i>O Discurso (escatológico) do Monte das</i>		<i>Bibliografia</i>	331
<i>Oliveiras / O Anticristo / O arrebatamento</i>		<i>Créditos das imagens</i>	334
		<i>Índice de assuntos</i>	336

Seja bem-vindo à

Série Comentário Expositivo

Por que mais uma série de comentários? Essa foi a pergunta que fizemos quando a editora Baker Books nos pediu para produzir esta série. Temos algo a oferecer aos pastores e professores que não se encontram em outras séries de comentários, ou que possa ser apresentado de modo mais proveitoso? Depois de fazer uma pesquisa criteriosa sobre as necessidades de pastores que ensinam o texto bíblico semanalmente, concluímos que é possível, sim, oferecer algo mais. Elaboramos este comentário tendo em mente preencher essa importante lacuna.

O caráter técnico dos comentários atuais muitas vezes sobrecarrega os leitores com detalhes secundários ao propósito central do texto bíblico. Os tratamentos sobre fontes, a crítica da redação, bem como os levantamentos detalhados da literatura secundária parecem distantes da pregação e do ensino da Palavra. Em vez de se embrenharem em abordagens técnicas, os pastores frequentemente lançam mão de comentários devocionais, os quais podem conter deficiências exegéticas, usos indevidos do grego e do hebraico e pouco refinamento hermenêutico. Existe a necessidade de um comentário

que empregue o que há de melhor no que diz respeito à pesquisa e estudos bíblicos, mas que também apresente o material de forma clara, concisa, atraente e fácil de usar.

Este comentário foi desenvolvido para cumprir esse propósito: disponibilizar uma obra de referência de fácil manuseio para a exposição do texto bíblico e oferecer acesso rápido às informações de que o leitor precisa para comunicar o texto de modo eficaz. Para isso, o comentário é dividido em unidades de tamanho adequado à pregação, cuidadosamente selecionadas, cada qual desenvolvida em seis páginas (que propiciaram o controle do número de palavras tanto da passagem inteira quanto de cada subseção). Desse modo, pastores e professores que se preparam semanalmente com o auxílio desta obra vão saber que estão lendo a cada semana, de modo aproximado, a mesma quantidade de texto.

Cada passagem começa com um resumo conciso da mensagem principal, ou a “Ideia central”, da passagem e uma lista de seus principais temas. Na sequência, há uma interpretação mais detalhada do texto que inclui o contexto literário da passagem, seus antecedentes históricos e considerações

interpretativas. Ao mesmo tempo que o material lança mão dos mais excelentes estudos bíblicos acadêmicos, também é claro, conciso e objetivo. Informações de caráter técnico são limitadas ao mínimo possível; as notas ao final do livro indicam ao leitor onde encontrar tratamentos mais detalhados e recursos adicionais.

Outro foco importante deste comentário é o processo de pregação e ensino em si. Hoje em dia, são poucos os comentários que ajudam o pastor ou professor a fazer a transição entre o significado do texto e sua comunicação eficaz. Nosso objetivo é preencher essa lacuna. Além da interpretação do texto na seção “Para entender o texto”, cada unidade de até seis páginas traz as seções “Para ensinar o texto” e “Para ilustrar

o texto”. A seção sobre ensino destaca os principais temas teológicos da passagem e maneiras de comunicar esses temas ao público atual. A seção sobre ilustrações oferece ideias e exemplos para cativar a atenção dos ouvintes e associar a mensagem ao dia a dia das pessoas.

O formato criativo deste comentário nasceu da convicção de que a Bíblia não é apenas um registro daquilo que Deus fez no passado, mas, sim, sua Palavra “viva e eficaz, mais cortante que qualquer espada de dois gumes” (Hb 4.12). Nosso desejo é que este comentário ajude a liberar esse poder transformador para a glória de Deus.

Os Organizadores

Introdução à

Série Comentário Expositivo

Esta série foi elaborada para disponibilizar obras de referência de fácil manuseio para a exposição do texto bíblico e oferecer acesso rápido às informações de que o leitor precisa para comunicar o texto de modo eficaz. Para isso, o comentário é dividido de modo criterioso em unidades fiéis às ideias dos autores bíblicos e de extensão adequada ao ensino ou à pregação.

As seguintes seções são apresentadas em cada unidade.

1. *Ideia central*. Em cada unidade, o comentário identifica o tema principal, ou “Ideia central”, que motiva tanto a passagem quanto o comentário.
2. *Principais temas*. Em conjunto com a “Ideia central”, o comentário apresenta uma lista de ideias-chave da passagem.
3. *Para entender o texto*. Esta seção se concentra na exegese do texto e inclui várias subseções:
 - a. *Texto em contexto*. Aqui o autor explica de modo sucinto como a unidade em estudo se encaixa no desdobramento do texto ao seu redor, mesmo no tocante à

estratégia retórica do livro e à contribuição da unidade para o propósito do livro.

- b. *Esboço/Estrutura*. No caso de alguns gêneros literários (p. ex., Cartas), por vezes é oferecido um breve esboço exegético para guiar o leitor enquanto este acompanha a estrutura e o desdobramento da passagem.
- c. *Antecedentes históricos e culturais*. Essa subseção trata de informações relativas aos antecedentes históricos e culturais, úteis no esclarecimento de um versículo ou de uma passagem.
- d. *Considerações interpretativas*. Essa subseção fornece informações necessárias à clara compreensão da passagem. A intenção do autor é ser extremamente seletivo e conciso, e não exaustivo e extenso.
- e. *Considerações teológicas*. Nessa subseção bastante sucinta, o comentário identifica algumas considerações de ordem teológica cuidadosamente selecionadas a respeito da passagem.

4. *Para ensinar o texto.* Nessa seção, o comentário oferece orientações voltadas para o ensino do texto. O autor apresenta os principais temas e aplicações da passagem e os associa, cuidadosamente, à “Ideia central” e aos “Principais temas”.
5. *Para ilustrar o texto.* Aqui, o comentário sugere ilustrações úteis

em áreas como literatura, entretenimento, história e biografia. O propósito é oferecer ideias gerais para despertar a criatividade de pregadores e professores e ajudá-los na preparação de materiais para uma exposição mais vívida da mensagem e seus principais temas.

Nota dos editores

Estamos convencidos de que esta obra será uma ferramenta útil e benéfica a ministros, professores e leigos cristãos, uma vez que contribuirá para encurtar a distância entre o texto bíblico e sua

aplicação. Cumpre ressaltar, porém, que nem sempre concordaremos com os posicionamentos de cada autor e que nenhuma ferramenta deve substituir o estudo do texto bíblico.

Reduções gráficas (abreviações e siglas)

Antigo Testamento

Gn	Gênesis
Êx	Êxodo
Lv	Levítico
Nm	Números
Dt	Deuteronômio
Js	Josué
Jz	Juízes
Rt	Rute
1Sm	1Samuel
2Sm	2Samuel
1Rs	1Reis
2Rs	2Reis
1Cr	1Crônicas
2Cr	2Crônicas
Ed	Esdras
Ne	Neemias
Et	Ester
Jó	Jó
Sl	Salmos
Pv	Provérbios
Ec	Eclesiastes
Ct	Cântico dos Cânticos
Is	Isaías
Jr	Jeremias
Lm	Lamentações
Ez	Ezequiel
Dn	Daniel
Os	Oseias
Jl	Joel
Am	Amós
Ob	Obadias
Jn	Jonas

Mq	Miqueias
Na	Naum
Hc	Habacuque
Sf	Sofonias
Ag	Ageu
Zc	Zacarias
Ml	Malaquias

Novo Testamento

Mt	Mateus
Mc	Marcos
Lc	Lucas
Jo	João
At	Atos
Rm	Romanos
1Co	1Coríntios
2Co	2Coríntios
Gl	Gálatas
Ef	Efésios
Fp	Filipenses
Cl	Colossenses
1Ts	1Tessalonicenses
2Ts	2Tessalonicenses
1Tm	1Timóteo
2Tm	2Timóteo
Tt	Tito
Fm	Filemom
Hb	Hebreus
Tg	Tiago
1Pe	1Pedro
2Pe	2Pedro
1Jo	1João
2Jo	2João

3Jo	3João
Jd	Judas
Ap	Apocalipse

Gerais

//	texto paralelo
c.	cerca de, por volta de
cap(s).	capítulo(s)
cf.	conferir
cp.	comparar com
etc.	<i>et cetera</i> , e outras coisas
gr.	grego
hebr.	hebraico
i.e.	<i>id est</i> , isto é
lv.	livro
n.	número(s)
p.	página(s)
paral(s).	paralelo(s)
p. ex.	por exemplo
s(s).	seguinte(s)
v.	versículo(s)

Textos antigos e versões

LXX	Septuaginta
-----	-------------

Versões modernas

ESV	English Standard Version
KJV	King James Version
NET	New English Translation
NIV	New International Version
NLT	New Living Translation
NRSV	New Revised Standard Version
REB	Revised English Bible
RSV	Revised Standard Version
TNIV	Today's New International Version

Apócrifos e Septuaginta

1Mc	1Macabaeus
Sb	Sabedoria de Salomão
Tb	Tobias

Pseudepígrafos do Antigo Testamento

1En	1Enoque (<i>Apocalipse etíope</i>)
2Br	2Baruque (<i>Apocalipse siríaco</i>)
4Ed	4Esdras
Apoc. Ab.	Apocalipse de Abraão
Jub.	Jubileus
Or. Sib.	Oráculos sibílicos
Sl. Sal.	Salmos de Salomão

T. Jó	Testamento de Jó
-------	------------------

Manuscritos do Mar Morto

CD-A	<i>Documento de Damasco</i> ¹
1QS	1QRegra da comunidade
4Q174	
(4QFlor)	4QFlorilégio
4Q246	4QApocalipse aramaico

Mishná e Talmude

b.	Talmude babilônico
m.	Mishná
t.	Toseftá
y.	Talmude de Jerusalém
'Abot	'Abot [Pais]
Ber.	Berakot [Bênçãos]
Giṭ.	Giṭṭin [Certidões de divórcio]
Pesaḥ.	Pesaḥim [Festa da Páscoa]
Shabb.	Shabbat [Sábado]
Sanh.	Sanhedrin [Sinédrio]
Yoma	Yoma (= Kippurim) [Dia da Expição]

Apócrifos e Pseudepígrafos do

Novo Testamento

Ps.-Clem.	Pseudo-Clementino
-----------	-------------------

Obras gregas e latinas

Eusébio

Hist. ecl.	História eclesiástica (<i>Historia ecclesiastica</i>)
------------	---

Josefo

Ant.	Antiguidades judaicas (<i>Antiquitates judaicae</i>)
------	--

C. Ap.	Contra Ápion (<i>Contra Apionem</i>)
--------	--

G. J.	Guerras judaicas (<i>Bellum judaicum</i>)
-------	---

Lívio

Hist.	História de Roma (<i>Ab urbe condita libri</i>)
-------	---

Introdução a Marcos

Marcos foi o primeiro a usar o termo “evangelho” (*euangelion*) para essas poderosas biografias de Jesus (1.1,15). Os Evangelhos apresentam as “boas-novas” a respeito de “Jesus, o Messias, o Filho de Deus” (1.1). Eles contêm tanto história quanto teologia. Como história, relatam a vida e o ministério de Jesus de Nazaré com narrativas absolutamente confiáveis. No entanto, são mais do que isso; como “Evangelho”, constituem um drama histórico e teológico, “história com uma mensagem”. Na forma verbal *euangelizomai*, o termo significa “pregar as boas-novas”, ou seja, os Evangelhos são constituídos de “sermões” a respeito de Jesus. Quando estudamos o Evangelho de Marcos, buscamos não somente compreender o que esse relato “significava” historicamente, mas também o que “significa” teologicamente. Ao relatar os acontecimentos os autores sagrados selecionaram os detalhes (ou seja, fizeram escolhas “redacionais” ou “editoriais”) que ressaltavam o significado teológico dos acontecimentos. Por trás de cada perícopes (isto é, de cada episódio), encontramos tanto uma

narrativa histórica confiável quanto uma teologia profundamente relevante.

Estudaremos Marcos em dois níveis. No nível mais amplo, queremos identificar de que maneira cada episódio se encontra inserido na história mais abrangente, a narrativa acerca de Jesus que se desenrola nesse Evangelho. Um “prefácio”, ou uma introdução no capítulo dedicado a analisar a passagem de Marcos 1.1-15, apresenta a pessoa que estamos estudando aqui: Jesus, o Messias e Filho de Deus. Tanto Isaías 40.1-3 quanto João Batista dão testemunho a seu respeito, e sua identidade como Messias é atestada pelo Pai em seu batismo e pela derrota de Satanás em sua tentação. Segue-se, então, o início de seu ministério na Galileia, relatado em dois ciclos iniciais (1.16—3.6; 3.7—6.6) nos quais Jesus desafia três grupos de pessoas: os discípulos, as multidões e os líderes. Acompanharemos os três grupos ao longo de Marcos para mostrar de que maneira esse Evangelho é organizado. É de suma importância observar que várias partes da obra não são organizadas de forma cronológica. Seguindo técnicas antigas de redação de relatos históricos, os autores dos

Evangelhos tinham a liberdade de organizar os fatos de outras maneiras e, muitas vezes, de colocá-los em ordem diferente. Não se trata de erro, pois o arranjo tópico (ou seja, que não registra os acontecimentos cronologicamente) era aceitável e o Espírito inspirou as duas formas de organização.

No nível mais restrito, também observaremos de que modo cada história é organizada a fim de identificar a mensagem singular de Marcos. Cada passagem do comentário começará com uma “Ideia central”, que terá função semelhante à da proposição de um sermão e indicará ao leitor o sentido da ação. Em seguida, virão os conceitos teológicos principais da passagem, bem como a “estrutura” e o “contexto” (ora separados, ora combinados) para explicar de que maneira o Evangelista reuniu os detalhes da história em cada passagem. No final de cada seção, analisaremos os principais temas teológicos e práticos que podem ser extraídos do trecho estudado.

Autoria e data

O Evangelho de Marcos, assim como o de Mateus, Lucas e João, não cita o nome de seu autor. É bem provável que os autores não considerassem esses textos como os *seus* Evangelhos, mas o Evangelho da igreja, cujo verdadeiro autor era o Espírito Santo. A autoria de Marcos foi reconhecida universalmente pelos primeiros pais da igreja (Justino Mártir, Ireneu, Clemente de Alexandria, Tertuliano, Orígenes, Jerônimo, Agostinho). Eusébio (*Hist. Ecl.* 3.39) cita Papias, pai apostólico do início do segundo século, de acordo com o qual João, o Presbítero, declarou no final do primeiro século que Marcos era intérprete de Pedro, que havia lhe fornecido informações precisas. Ainda assim, muitos estudiosos



João Marcos, que trabalhou com os apóstolos Pedro e Paulo, é o autor mais provável do Evangelho de Marcos. Essa figura de Marcos faz parte de uma peça maior chamada *Cristo e os Doze apóstolos* de uma igreja ortodoxa do século 19 na região de Antália (Turquia).

críticos duvidam da associação com Pedro e dizem que Marcos contém diversos erros de geografia (p. ex., 7.31; 10.46-52) e de costumes judaicos (p. ex., 7.3,4). Todas essas questões, porém, são facilmente explicáveis e não envolvem erro. É bem provável, portanto, que João Marcos, assistente de Paulo (2Tm 4.11) e de Pedro (1Pe 5.13) seja, de fato, o autor desse Evangelho.¹

É difícil determinar quando o Evangelho de Marcos foi escrito. Muitos o datam da década de 70 d.C., partindo do pressuposto de que o Discurso do Monte das Oliveiras (Mc 13) foi escrito com base nos acontecimentos de 68-70 d.C. No entanto, Marcos 13 não traz material suficiente que

pudesse ser relacionado aos detalhes desse acontecimento; antes, trata-se de uma profecia geral de juízo sobre a nação e sobre o templo. Outros consideram que o Evangelho foi compilado depois das revoltas judaicas dos zelotes nas décadas de 50 e 60 do primeiro século e depois da morte de Pedro, isto é, no final da década de 60. O forte tema de perseguição também se encaixa com o final do período neroniano. Essas propostas, contudo, são inconclusivas, pois a perseguição é geral e o contexto zelote é dúbio. Dois fatores favorecem uma data na década de 50: (1) não há motivo para duvidar de uma ligação com Pedro, de modo que é mais apropriado situar a obra na década de 50 ou 60; (2) Mateus e Lucas usaram o texto de Marcos, indicação de que esse foi o primeiro Evangelho a ser escrito (trataremos dessa questão adiante). Se Lucas foi escrito na época em que Atos termina (62 d.C., com Paulo aguardando seu julgamento em Roma), uma proposta cabível (e, a meu ver, preferível) é de que Marcos foi redigido entre meados e o final da década de 50 e, em seguida, reconhecido pela igreja e usado por Lucas.²

Público-alvo e propósito

A maioria dos estudiosos concorda que Marcos escreveu para leitores gentios, provavelmente em Roma. O texto traz vários latinismos (p. ex., termos para “cesto” [4.21], “imposto” [12.14], “açoiar” [15.15]) e há uma tendência de traduzir palavras em aramaico para leitores de fala grega (5.41; 7.11,34; 10.46; 15.22,34). Ademais, os pais da igreja (Clemente de Alexandria, Prólogo Antimarcionista, Eusébio) associavam Marcos a Roma. Costuma-se

Na opinião de muitos estudiosos, o Evangelho de Marcos foi escrito para leitores gentios em Roma. O centro das atividades políticas e religiosas de Roma era o Fórum, que aparece nessa fotografia.

dizer que a ênfase sobre o sofrimento de Jesus indica que Marcos se dirigiu a uma igreja cujos membros estavam sob forte perseguição, exortando-os a permanecerem fiéis nesse período difícil. Há certa verdade nessas considerações, mas esse não é o propósito principal. O motivo do livro está associado a seus principais temas teológicos (veja adiante). Primeiro, sua intenção é apresentar um relato histórico de Jesus e provar que ele é o Messias (de modo mais específico, o Servo *Sofredor* de Deus) e o Filho de Deus a fim de instruir os cristãos e evangelizar os não cristãos. Segundo, enfatiza o discipulado — o que significa seguir a Cristo e andar em seus caminhos neste mundo mau.³

Relação com Mateus e Lucas

O Problema Sinótico surge do reconhecimento de que os três Evangelhos “Sinóticos” (= “de mesma aparência”) — Mateus, Marcos e Lucas — são tão parecidos uns com os outros que deve haver alguma



relação literária entre eles. A principal discussão a esse respeito ao longo dos últimos séculos procura identificar se Mateus ou Marcos foi escrito primeiro. Pode-se observar, com frequência, expressões semelhantes (p. ex., Mt 19.13-15 // Mc 10.13-16 // Lc 18.15-17) ou uma sequência parecida de acontecimentos (Mt 12.46—13.58 // Mc 3.31—6.6 // Lc 8.19-56). Até o século 18, a ordem proposta por Agostinho (Mateus, depois Marcos e, por fim, Lucas) predominava. Em 1783, essa proposta foi alterada por J. J. Griesbach (Lucas usou Mateus, e Marcos abreviou ambos), mas no último século a Hipótese das Quatro Fontes passou a ser adotada pela maioria: Marcos foi escrito primeiro; posteriormente, Mateus e Lucas usaram Marcos, bem como uma coletânea de ditos de Jesus chamada “Q” (do alemão *Quelle*, “fonte”) juntamente com o conteúdo exclusivo de cada Evangelho chamados: “M” (conteúdo que só aparece em Mateus) e “L” (conteúdo presente somente em Lucas).

Em outras palavras, de modo geral, Marcos é considerado o primeiro Evangelho. Há quatro motivos básicos para esse posicionamento: (1) Marcos emprega uma linguagem mais emotiva e explícita, atenuada em vários casos por Mateus (p. ex., Mc 10.18 // Mt 19.17); (2) Marcos traz várias expressões difíceis, e até negativas (p. ex., “coração endurecido” em 6.52; 8.17, omitida por Mateus); (3) a melhor maneira de explicar as diferenças redacionais é considerar que Mateus

editou Marcos (p. ex., Mc 6.5,6 // Mt 13.58); (4) faz mais sentido Mateus e Lucas terem acrescentado conteúdo a Marcos, do que Marcos ter removido tantas histórias e materiais importantes dos outros dois (p. ex., os relatos do nascimento de Jesus e o Sermão do Monte/da Planície, presentes em Mateus e em Lucas). É possível que Q fosse uma tradição, e não um documento propriamente dito, mas ajuda a explicar os 253 versículos de Mateus e Lucas que trazem ditos de Jesus e que não fazem parte de Marcos. Parece mais apropriado pressupor a existência de algum tipo de fonte comum do que imaginar que tanto conteúdo apareça em Mateus e Lucas por acaso. Pode-se concluir, portanto, que Marcos foi escrito primeiro e usado pelos outros dois autores para redigir seus respectivos Evangelhos.⁴

Temas teológicos

Cristologia

É necessário que esse estudo seja realizado em dois planos: o que Jesus fez e quem Jesus era. Ele realizou milagres, ensinou verdades maravilhosas e preparou pessoas para o reino de Deus. Ao mesmo tempo, ele era o Messias, o Filho de Deus, o Filho do Homem, o Profeta e o Servo Sofredor de Deus. Convém con-



Um dos temas teológicos do Evangelho de Marcos é o discipulado. Vemos Jesus chamar, instruir e enviar seus discípulos. Essa placa de mármore chamada *A missão dos apóstolos* é de Constantinopla, décimo século d.C.

siderar de modo sucinto cada um desses aspectos. Seus milagres enfatizam sua autoridade absoluta sobre a criação (p. ex., 4.35—5.41); seu primeiro milagre revelou sua autoridade em palavras e ações (1.21-28). Jesus ensinou como a própria voz de Deus e agiu como o legítimo Filho de Deus. Embora Mateus apresente mais conteúdo didático, Marcos se concentra em Jesus como mestre/rabino mais do que Mateus. A compaixão de Jesus se destaca quando ele cura todos que o procuram (1.32-34; 3.7-12; veja porém, 6.5,6), mesmo quando isso o leva a afrontar os guardiões da lei (2.5,6; 3.4). As necessidades das pessoas têm precedência sobre os escrúpulos religiosos.

Como o Messias, Jesus não é somente o Messias régio, mas também o Servo Sofredor de Yahweh, que cumpre Isaías 52 e 53. Sua morte provê resgate pelos pecados e uma nova aliança com Deus (Mc 10.45; 14.24). Como o Filho de Deus, ele é o amado e íntimo Filho do Pai (1.11; 9.7), cuja condição exaltada é associada de modo específico à sua ressurreição (12.10,11) e segunda vinda (8.38 [... na glória de seu Pai...]); 13.32). Como Filho do Homem, Jesus é glorificado por meio do sofrimento (8.31; 9.31; 10.33,34) e se assentará à direita de Deus (13.26,27; 14.62) como juiz (8.38).

Ainda assim, a realidade de Jesus é envolta em sigilo, pois ele mesmo ordena que demônios (1.25,34; 3.12), as pessoas que ele cura (1.44; 5.43; 7.36) e até seus discípulos (8.30; 9.9) não revelem quem ele é. Historicamente, sua ordem faz sentido, pois o povo judeu esperava somente um rei conquistador, enquanto Jesus veio para ser o Servo Sofredor. Ele não desejava que conceitos equivocados como esse a respeito de seu papel de Messias interferissem em seu ministério. Quanto aos propósitos de Marcos, Robert Stein observa dois: (1) provar que Jesus não morreu como revolucionário político interessado apenas

em seus próprios objetivos; (2) destacar a verdadeira glória de Jesus, pois mostra que sua grandeza não podia permanecer oculta, mas tinha de irromper publicamente.⁵ Quanto mais Jesus dizia às pessoas para permanecerem caladas, mais elas sentiam a necessidade de proclamar a todos o que tinham visto e vivenciado (1.44,45; 7.36).

Discipulado

Jesus é o “Rabi” (9.5; 10.51; 11.21) que treina seus discípulos com paciência e amor. Ele os chama e os envolve de imediato em sua missão (1.16-20), os comissiona como apóstolos, lhes confere autoridade (3.14-19) e os envia à Galileia como missionários (6.7-13). Eles são chamados a negar a si mesmos e seguir Jesus sem restrições (8.34—9.1). Ainda assim, ao longo da narrativa os discípulos lutam com o fracasso. O coração deles está endurecido (6.52; 8.17) e depois de cada uma das predições da Paixão, não conseguem entender (p. ex., 8.31-33); antes, buscam grandeza pessoal (9.34) e poder futuro (10.37). Aqueles que haviam expulsado demônios (6.13) de repente são incapazes de fazê-lo (9.18). Eles falham com Jesus tanto no Getsêmani (14.37,40,41) como quando ele é preso (14.50-52). Pedro nega Jesus três vezes (14.66-72). A chave é a fé que, em Marcos, significa dependência total de Jesus. Enquanto os discípulos falham, os “pequeninos” (aqueles que aparecem apenas uma vez) se voltam inteiramente para Jesus e mostram que a vitória é resultado da fé irrestrita nele (5.34,36; 7.27-29; 9.23,24; 10.47,48; 14.3). Na morte e ressurreição de Jesus, as mulheres são as seguidoras fiéis, mas até elas falham (16.8). A resposta é fornecida em 16.7: encontrem o Senhor ressurreto na Galileia e recebam fé para superar o fracasso.

Conflito cósmico

A guerra contra Satanás e os “espíritos imundos” (uma das expressões usadas por

UM COMENTÁRIO ESSENCIAL PARA...

PASTORES ■ PREGADORES ■ PROFESSORES

O objetivo de Marcos em seu Evangelho é transmitir aos leitores as boas-novas de quem Jesus é: Filho de Deus e Messias sofredor. Valendo-se de um relato dinâmico, Marcos estabelece a identidade de Jesus com acentuado realce a suas obras — feitos de serviço e de poder que sempre maravilhavam a todos os presentes. Embutido nessa revelação da identidade de Jesus, está um chamado ao discipulado radical, alimentado por uma total dependência em relação a Jesus Cristo. O renomado acadêmico Grant R. Osborne oferece insights perspicazes para ajudar pregadores e professores a apresentar a tão relevante mensagem de Marcos aos ouvintes de hoje.

A *Série Comentário Expositivo* oferece a pastores, pregadores, mestres e estudantes da Palavra de Deus o que há de melhor na área do conhecimento bíblico, para que possam passar sem dificuldades do significado do texto a sua comunicação eficaz. Em cada volume, o livro bíblico tratado é dividido em unidades de pregação (perícopes) cuidadosamente selecionadas, acompanhadas de comentários de no máximo 6 páginas, com ilustrações extraídas dos campos da arte e da cultura e aplicações para os nossos dias. Cada volume da série permite, assim, que o leitor aprenda rapidamente as informações mais importantes.

Cada volume, enriquecido com fotos, mapas e gráficos, se compõe das seguintes seções, voltadas para a passagem estudada:

- IDEIA CENTRAL
- PARA ENTENDER O TEXTO
- PRINCIPAIS TEMAS
- PARA ENSINAR O TEXTO
- PARA ILUSTRAR O TEXTO

GRANT R. OSBORNE (1942-2018) PhD, University of Aberdeen) foi professor de Novo Testamento na Trinity Evangelical Divinity School, em Deerfield, Illinois, nos Estados Unidos. Também é autor de vários livros, entre eles *A espiral hermenêutica*, *3 perguntas cruciais sobre a Bíblia e Apocalipse* (da Série Comentário Exegético), publicados por Vida Nova.


VIDA NOVA
vidanova.com.br

ISBN 978-85-275-0824-7



9 788527 508247